

O surgimento do movimento #blacklivesmatter [vidas negras importam]*

Keeanga-Yamahtta Taylor**

Resumo:

Um movimento contra a brutalidade policial eclodiu e abalou a sociedade americana até o seu cerne. Houve protestos diários nas semanas após o anúncio de que dois policiais brancos não seriam indiciados pelo assassinato de dois homens negros desarmados. Desde novembro de 2014, dezenas de milhares de pessoas participaram de atos, ações diretas e toda forma de protesto para se manifestar contra o racismo, a brutalidade e a injustiça no âmago das instituições legais americanas. Surgiu o movimento *Black Lives Matter*. Este artigo apresenta a visão da autora a respeito deste movimento social.

Palavras-chave: *Black Lives Matter*; racismo; violência policial.

The Rise of the #BlackLivesMatter Movement

Abstract:

A movement has erupted against police brutality and shaken U.S. society to its core. There were daily protests in the weeks after the announcement that two white police officers would not be indicted for the murder of two unarmed black men. Since late November, tens of thousands of people have participated in demonstrations, direct actions and all manner of protests, to rally against the racism, brutality and injustice at the heart of American legal institutions. The Black Lives Matter movement had emerged. This article presents the author's view of this social movement.

Keywords: *Black Lives Matter*; racism; police violence.

Introdução

O último prego no caixão da ideia de que vivemos numa sociedade pós-racial ou da ilusão de que os EUA abandonaram seu passado racial foi colocado pelo movimento *Black Lives Matter* (*Vidas Negras Importam*), que no mesmo processo colocou a instituição política na defensiva, forçando os mais altos escalões do governo a responder com promessas de mudança.

* Tradução de Maira Mee Silva e Deivison Mendes Faustino. Revisão de Renata Gonçalves.

** Doutora em Filosofia dos Estudos Afro-americanos. Professora no Departamento de Estudos Afro-americanos da Princeton University (Estados Unidos). End. Eletrônico: keeanga@gmail.com

Nas semanas seguintes ao grande júri de St. Louis que não condenou o policial Darren Wilson, os líderes do movimento em Ferguson se encontraram com o Presidente Barack Obama, o vice-presidente Joe Biden, o Procurador Geral Eric Holder e o Secretário da Educação Arne Duncan. Depois de semanas de silêncio quando Mike Brown foi assassinado, Hillary Clinton, a pré-candidata líder para a presidência pelo Partido Democrata, pronunciou a frase *Vidas Negras Importam* numa aparição pública.

Alguns congressistas negros interromperam a sessão com o protesto simbólico “mãos ao alto, não atire” – uma semana depois, várias centenas de funcionários de gabinete do congresso, a maioria negros, entraram em greve em protesto. Atletas profissionais negros vestiram camisetas dizendo “Não consigo respirar”, abrindo o caminho para times de estudantes de faculdades e ensino médio também usarem as camisetas. Milhares de alunos e alunas de faculdades, ensino médio e fundamental organizaram e participaram de mortações¹, paralisações, marchas e outras formas de protesto público. Alunos de 70 faculdades de medicina organizaram mortações com a palavra de ordem “Jalecos Brancos pelas Vidas Negras”, em solidariedade com os protestos que varreram o país. Defensores públicos e outros advogados organizaram suas próprias ações, incluindo a agora familiar tática do mortação.

Os efeitos desse ativismo já podem ser vistos numa mudança da discussão pública sobre racismo, desigualdade e o sistema de justiça neste país. Segundo uma pesquisa da Gallup (cfr Mccarthy, 2014), desde os protestos em massa após o veredito de Ferguson no fim de novembro de 2014, o número de americanos que acham que o racismo é o maior problema do país saltou de 1% para 13% em menos de um mês – o maior nível desde os resultados da Rebelião de Los Angeles em 1992.

Comissões, investigações e outras pesquisas sobre a máquina do assassinato negro nas mãos de agentes do Estado estão sendo estabelecidas. Obama – que esteve relutante, quando não abertamente hostil, em discutir a persistência da desigualdade racial enquanto atacava as comunidades negras pelo seu mal comportamento e ineptidão moral - mudou a ênfase de seus comentários públicos. Numa entrevista alguns dias depois dos grandes protestos de 13 de dezembro, o presidente e sua esposa, Michelle Obama, descreveram suas experiências com desrespeitos raciais e como foram confundidos com serventes. Eric Holder que, no início de seu mandato, descreveu os EUA como uma “nação de covardes”, no tocante ao debate de raça, agora conclui que, “como nação, nós falhamos” nas “relações de raça”.

¹ Do inglês die-in, forma de protesto na qual os manifestantes se deitam no chão como se estivessem mortos.

São, evidentemente, comentários inócuos que reduzem a injustiça social à inconveniências, preconceito e mal-entendidos – ignorando o caráter generalizado e institucional do racismo americano que a maioria dos afro-americanos tem que confrontar. No entanto, num país no qual a desigualdade racial foi invisibilizada pelo sufocante foco na “cultura da pobreza” e da “responsabilidade pessoal” como principais explicações para a disparidade entre negros e brancos, essa mudança de retórica num estágio inicial não é insignificante.

Quais são os antecedentes desse movimento? Quais são seus objetivos e como irá alcançá-los? Essas são discussões importantes que este artigo visa introduzir.

As raízes de Ferguson

Antes de os EUA serem “pós-raciais”, eles eram “pós-direitos civis”.

Ambas as expressões tinham a intenção de comunicar a mensagem de que os EUA eram agora uma sociedade “que não via cor”, baseada na meritocracia. As descobertas no cerne do relatório da Comissão Kerner de 1968 – que concluiu que a desigualdade estrutural era produto das “instituições brancas” que “coadunavam” com a segregação racial, habitações precárias e brutalidade policial – foram substituídas por 40 anos de culpabilização dos afro-americanos pelas suas condições e suas comunidades.

Periodicamente, aconteceram eventos políticos que contestavam a retórica da “responsabilidade pessoal” e expunham as profundezas da injustiça racial americana. A Rebelião de Los Angeles em 1992, iniciada por outro caso de policiais que não foram condenados mesmo depois de terem sido gravados em vídeo espancando um homem negro, foi o exemplo mais dramático.

Ao final dos anos 1990, havia um impulso crescente contra o perfilamento racial de homens negros. Os efeitos letais do perfilamento racial se tornaram uma discussão nacional em 1999, quando o imigrante negro desarmado Amadou Diallo foi assassinado pela polícia de Nova York numa chuva de 41 balas. A morte de Diallo atraiu uma atenção inédita à prática de perfilamento racial e até prontificou o então presidente Bill Clinton a designar uma força-tarefa federal para investigá-la.

O movimento nascente contra a globalização corporativa e a campanha insurgente de Ralph Nader para presidente em 2000 reforçou a onda de militância antirracismo. O desenrolar da pena de morte no Illinois e a decisão do governador George Ryan de declarar moratória em seu uso em 1999 colocou a intersecção de raça e classe do sistema de justiça criminal no foco nacional. Na primavera de 2001, uma rebelião negra surgiu em Cincinnati quando a polícia assassinou um adolescente negro que fugiu deles. Por três dias, jovens negros entraram em confronto com a polícia e destruíram milhões de dólares em propriedades.

O fôlego do movimento antirracista foi drasticamente revertido na esteira dos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001. O governo dos EUA apressou-se para transformar a tragédia em uma chamada para a unidade nacional em preparação para uma nova guerra com o Iraque.

As autoridades justificaram o perfilamento racial contra muçulmanos e árabes como parte da fúria racista e do impulso pela guerra. A tática já não era sujeita a investigação federal e ações judiciais. Em 1999, 59% dos americanos diziam que acreditavam que a polícia fazia perfilamento racial e, destes, 81% acreditavam que essa prática era errada. Até George W. Bush declarou em seu primeiro discurso ao Congresso no início de 2001 que o perfilamento racial era “errado e vamos acabar com isso nos EUA”.

Mas apenas três semanas depois de 11 de setembro, o apoio ao perfilamento racial de árabes era de mais de 50% e era, na verdade, mais intenso entre afro-americanos do que em outros grupos. Não apenas a crescente luta contra o racismo foi enterrada sob uma onda de jingoísmo e islamofobia, mas o ponto focal anterior da luta contra o racismo, o perfilamento racial, passou a ser defendido como uma ferramenta necessária da “guerra ao terror”.

Ao longo da década, no entanto, o nacionalismo e o silenciamento de protestos sobre problemas no front nacional erodiram. O evento mais proeminente foi o furacão Katrina em 2005 e a falta de resposta do governo federal enquanto Nova Orleans e centenas de pessoas negras naufragavam. Dois anos depois, dezenas de milhares de estudantes de faculdades, majoritariamente negros, marcharam na pequena cidade de Jena, também no estado de Luisiana, para protestar contra o ataque racista contra estudantes negros de ensino médio lá.

O ativismo e mobilizações em resposta aos acontecimentos na Luisiana não constituem o início de um movimento. Eles revelam a persistência da desigualdade racial nos EUA. As guerras e ocupações de Bush tinham fechado o espaço para o ativismo ou mesmo para a articulação da continuação da desigualdade no país, mas o furacão Katrina expôs ao mundo que os Estados Unidos ainda eram o mesmo velho império racista e a cidade de Jena ajudou a reviver uma tradição de protesto que tinha decididamente sido silenciada desde 2001.

A geração Obama

As contradições da guerra e o colapso da economia tinham reduzido a presidência de Bush a destroços até 2008. Obama foi eleito naquele mês de novembro como o primeiro presidente afro-americano com uma campanha que não apenas se nutriu do desgosto com Bush, da crise econômica e da infinita guerra, mas que estava retoricamente ligada a sua campanha presidencial como uma continuação dos movimentos de direitos civis. Os slogans de “esperança”

e “mudança” da sua campanha elevaram as expectativas de milhões de pessoas. As expectativas dos afro-americanos eram particularmente altas com os negros indo às urnas em número recorde para colocar Obama na Casa Branca. Apesar de Obama ter recebido 95% dos votos negros válidos, foi um defensor relutante dos afro-americanos como presidente. O primeiro vislumbre de expectativas negras frustradas chegou muito rápido.

Semanas antes do novo presidente sequer tomar posse, um policial de trânsito armado assassinou um homem negro de 22 anos desarmado, Oscar Grant, numa plataforma de trem da Bay Area Rapid Transit², em Oakland, na Califórnia. O assassinato de Grant também foi gravado em vídeo e ocorreu na frente de dezenas de testemunhas. A raiva na Oakland negra era palpável enquanto centenas e depois milhares de pessoas tomaram as ruas para exigir justiça. É possível que esse tipo de mobilização tivesse acontecido de qualquer forma, mas a brutalidade do assassinato de Grant, dias antes do primeiro presidente negro da nação tomar posse, certamente colocou mais lenha na fogueira.

Diferentemente de outros casos que o precederam e outros que viriam depois, o assassino de Grant foi acusado, julgado e condenado e foi preso, brevemente, por homicídio culposo. Apesar de sua breve sentença, a luta por justiça por Oscar Grant trouxe uma nova camada de pessoas negras para a luta, ajudou a desenvolver novas redes de organização que se estendiam para além de Oakland e mostrou que protestos podiam conseguir que um policial fosse condenado por matar um homem negro. Estas viriam a ser lições importantes e relações que avançavam.

Em 2011, a vitória eleitoral de Obama começou a perder o seu brilho para os afro-americanos. A América negra estava no meio de uma queda livre econômica, vivendo desemprego oficial de dois dígitos, pobreza crescente e os devastadores efeitos do colapso do mercado imobiliário e, com isso, o desaparecimento da riqueza negra. O sucesso da campanha de Obama para presidência foi recebido com efervescência, mas a realidade era significativamente decepcionante. Obama e seus lacaios políticos, sobretudo o Reverendo Al Sharpton, insistiam que o presidente não precisava de um “programa negro” e que os afro-americanos se beneficiariam de políticas focadas na recuperação de todos.

Essa recusa em criar políticas que atacariam a desigualdade estrutural e o racismo, responsável pelo desproporcional impacto da crise em bairros negros, foi substituída por um ataque ideológico às comunidades negras, liderado pelo próprio presidente. O presidente Obama criticava os afro-americanos por qual-

² BART, na sigla em inglês.

quer coisa, desde dar frango frito frio para seus filhos no café da manhã até por ter muitos filhos fora do casamento. Em outras palavras, sem políticas para confrontar o racismo à disposição, culpar as comunidades negras pelos resultados da pior crise econômica desde a grande depressão teria que ser o suficiente. Apesar de Obama permanecer pessoalmente popular entre afro-americanos, havia amargas limitações em ter um presidente negro.

O caráter episódico e periodicamente explosivo da política americana se deve, em parte, ao fato de que os trabalhadores americanos têm poucos canais formais para dar vazão às suas queixas do sistema ou para encontrar alívio temporário para os seus efeitos mais severos. No lugar disso, dois partidos políticos, ambos apegados aos interesses capitalistas, controlam a política nos Estados Unidos estreitando o espaço para reforma política onde ela parcamente existe. Para os americanos essa dinâmica é exacerbada pela larga aceitação de que são os negros, eles mesmos, os responsáveis pelas suas próprias condições, como resultado de mau comportamento e más escolhas. A falta de resposta da elite política negra deixou ainda menos canais para expressões de descontentamento.

Este era o contexto em 2011 quando os protestos para salvar a vida do prisioneiro Troy Davis, do estado da Geórgia, que estava no corredor da morte, coincidiram com as nascentes ações do acampamento do movimento *Occupy Wall Street* [Ocupe Wall Street] na cidade de Nova York. O desenvolvimento de um protesto sustentado, próximo ao fim de 2011, parecia ser o despertar da primavera americana ao final de um ano no qual a primavera árabe havia eletrizado o mundo.

Antes do *Occupy*, o espaço para expressar preocupação política raiva ou simplesmente decepção com a desigualdade econômica e incompetência do governo havia sido ainda mais estreitado com as vitórias da direita nas eleições legislativas de 2010. Mas os protestos sobre Troy Davis e o *Occupy* abalaram o *status quo*, reafirmando a legitimidade de protestos de rua e políticas radicais. Além disso, a proximidade entre os dois identificava a sobreposição e, na verdade, a articulada relação entre desigualdade racial e econômica.

O *Occupy* batalhou para convocar um público negro, mas, apesar de suas falhas, era desejo do movimento fazê-lo. Mais amplamente, o *Occupy* trouxe à tona as contradições do caminho americano para recuperação econômica destacando os ilimitados resgates financeiros que o governo fez a empresas privadas, enquanto milhões de pessoas comuns definhavam sob o peso do desemprego, execuções de hipotecas e despejos. O movimento *Occupy* afirmou a realidade da desigualdade na consciência popular americana.

Mesmo com limitada participação negra, o foco na desigualdade econômica ajudou a abrir o espaço para discutir as condições nas comunidades negras. A

ênfase na cultura negra como explicação para a crise da América negra fazia pouco sentido no contexto amplo da grande desigualdade econômica. Isso não significa que as explicações que culpavam a vítima definharam, mas, agora, outras explicações competiam pelo espaço.

Além disso, a feroz ofensiva contra os acampamentos do *Occupy*, durante o inverno e no início da primavera de 2012, ampliou o parâmetro da compreensão da repressão e da brutalidade da polícia. Para as pessoas que participavam da luta, a polícia era agora não apenas uma força de repressão contra afro-americanos, mas defensora do *status quo*. Eles operavam às ordens do 1%, sob o comando de agentes locais, estaduais e federais, que coordenavam ataques para destruir o movimento *Occupy*.

Na primavera de 2012, milhares de pessoas tomariam as ruas novamente para protestar contra o assassinato do adolescente negro desarmado Trayvon Martin. Os acampamentos do *Occupy* podem ter sido destruídos, mas as marchas e mobilizações por Trayvon mostraram que a confiança para confrontar as autoridades ainda estava viva. Semanas depois de artigos de jornais descreverem o assassinato de Trayvon Martin num condomínio fechado na Flórida, a história se tornou “viral” e protestos irromperam por todo o país para exigir que o assassino de Martin, George Zimmerman, fosse preso.

Milhares de pessoas se mobilizaram por todo o país com as maiores manifestações na Flórida e em Nova Iorque, onde os grupos já estavam se organizando em oposição às revistas racistas da polícia de Nova York. Essas manifestações menores se infiltraram na cultura popular quando atletas negros também registraram protestos por Zimmerman não ter sido preso.

O ativismo em torno do caso manteve a história viva na grande mídia, mas não apenas isso. A mesma coisa aconteceu com o caso de Troy Davis. Juntos, eles produziram muitos meses de debate público a respeito da contínua crise do país com a desigualdade racial e a injustiça. Junto com a publicação do estrondoso e popular *The New Jim Crow*, de Michelle Alexander (2011), o ativismo e a discussão pública em torno desses dois casos tornou possível continuar a descartar esses tipos de casos como “incidentes isolados”.

Finalmente Zimmermann foi preso, o que legitimou a importância dos protestos, marchas e atos depois do esmagamento dos acampamentos do *Occupy*. Zimmermann acabou por ser absolvido do assassinato de Trayvon Martin, reforçando para milhões de pessoas o que a América negra já sabia: a impossibilidade de um jovem negro obter justiça num tribunal americano. A absolvição de Zimmermann também impulsionou a desafiadora palavra de ordem *Vidas Negras Importam*.

De Ferguson ao futuro

Em artigo da SocialistWorker.org de 2012, intitulado “Os Terroristas de Azul” conclui a respeito disso que:

Se a polícia continuar a matar homens e mulheres negros com impunidade, o tipo de rebelião urbana que abalou a sociedade americana nos anos 1960 é uma possibilidade visível. Não estamos nos anos 1960, mas no século XXI e com um presidente negro e um procurador-geral negro em Washington. As pessoas certamente esperam mais. No meio tempo, em questão de poucos dias, no final de julho de 2012, tumultos despontaram no sul da Califórnia e em Dallas depois que a polícia, ficando cada vez mais descarada na sua desconsideração pelas vidas negras e de outras etnias (black and brown³), executando garotos jovens em plena luz do dia, a céu aberto, à vista de todos... Há uma crescente sensação de cansaço com o feroz racismo e brutalidade dos policiais por todo o país e o silêncio que tudo perpassa e despedaça, e as pessoas estão começando a se levantar contra isso (Taylor, 2012, n.p.).

O que nos leva a Ferguson. Ninguém teria imaginado que uma pequena cidade na periferia de Saint Louis se tornaria o epicentro do “levante” contra o terrorismo policial nos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, é fácil ver por que Ferguson explodiu. A polícia racista não apenas continuamente assediava afro-americanos, mas a cidade também contava com renda vinda da acusação da maioria negra de uma variedade de pequenos delitos. O pagamento de multas se tornou a segunda maior fonte de renda em Ferguson. O antagonismo entre uma força policial branca e racista e a maioria negra estava literalmente institucionalizado.

Quando a polícia matou o Mike Brown e deixou o seu corpo na rua por quatro horas e meia, transformou esse assassinato policial num linchamento. Também, provavelmente, sinalizou aos pares de Mike Brown – aqueles que posteriormente tomaram as ruas para protestar seu assassinato – uma escalada de maus-tratos pela polícia. Se um policial estava disposto a atirar num adolescente desarmado e com as mãos ao alto e deixar o seu corpo na rua como uma distinta mensagem, então estavam dispostos a fazer qualquer coisa para manter sua autoridade e controle sobre a comunidade.

A raiva em Ferguson incendiou toda a América negra com protestos organizados em solidariedade por todo o país. A disseminação da raiva negra não era apenas uma reação a esse assassinato em particular, mas a todos os raspões, ou

³ N.T. Optou-se aqui por traduzir “Blacks and Browns” como “Negros e pessoas de outras etnias não brancas” pela inexistência de sua expressão exata na língua portuguesa. No caso empregado no texto, o termo “brown” pode ser referir a imigrantes ou seus descendentes especialmente de origem árabes ou latino-americano.

coisa pior, com o racismo da polícia e a totalidade do sistema da justiça criminal experimentados por todos os afro-americanos pessoalmente ou através de um amigo ou familiar.

Além disso, o verão de 2014 foi pontilhado de casos igualmente horríveis de assassinatos policiais que destacavam a regularidade com a qual policiais nunca eram punidos pela violência que infligem. Nos dias que antecederam a decisão do grande júri de não condenar Darren Wilson, um policial branco em Cleveland atirou no garoto Tamir Rice de 12 anos, matando-o apenas segundos depois de ter chegado à cena.

Enquanto isso, jovens manifestantes negros em Ferguson eram denunciados como violentos até mesmo quando a polícia local militarizada usava tanques, gás lacrimogêneo e armamento militar contra homens, mulheres e crianças desarmados. A esmagadora resposta do Estado e a persistência heroica dos manifestantes em Ferguson fizeram dessa uma questão que não iria embora e, ao fazê-lo, forçou uma discussão pública mais ampla sobre a desigualdade racial, injustiça, a polícia e o sistema de justiça criminal que não teria ocorrido de outra maneira.

Esse debate teve dois efeitos na política, mais amplamente. Primeiro, introduziu na mídia americana discussões substantivas sobre as dimensões materiais e estruturais da desigualdade negra. Isso levou a relatos por toda parte sobre casos de brutalidade policial e maior indagação sobre as circunstâncias que cercam as instâncias de violência policial, inclusive o assassinato.

Em segundo lugar, também trouxe à luz as divisões que existem entre afro-americanos. Esse foi um dos desenvolvimentos políticos mais importantes que ocorreu com o surgimento desse movimento. Não era apenas a mídia que descrevia os manifestantes contra o racismo como violentos para desviar da questão central do terrorismo policial dirigido a afro-americanos. Políticos negros e figuras políticas como o Reverendo Al Sharpton também avisaram sobre a violência e muito se esforçaram para separar manifestantes em categorias de bons e maus.

Por exemplo, no funeral de Mike Brown, Sharpton discursou dizendo: “E agora chegamos ao século XXI, agora chegamos a algumas posições de poder. E você decide que o preto não vai ter mais sucesso. Agora, você quer ser ‘preto’ e chamar sua mulher de ‘vadia’. Você perdeu sua origem.” (Street, 2014, n.p.). Sharpton prossegue desaconselhando a envolver-se em “festas de autopiedade no gueto”. Enquanto isso, Barack Obama pedia calma e Eric Holder foi até Ferguson para dar a mensagem pessoalmente.

A acidez de Sharpton direcionada aos jovens manifestantes de Ferguson não era simplesmente uma discordância a respeito da estratégia e tática necessárias

para fazer o movimento avançar. Esse ataque público era sua tentativa de reaver o controle da direção da luta. Enquanto Sharpton era mais direto, outros políticos negros tentaram sequestrar a raiva de Ferguson como um grito de guerra de convocação às urnas.

Muito poucos políticos negros tinham muito a dizer, quando tinham, sobre Ferguson, além de usá-la como um chamado ao voto. Mas isso não é grande surpresa quando a Convenção Negra Congressual (*Congressional Black Caucus* – CBC na sigla em inglês), nas semanas que antecederam o assassinato de Eric Garner em 2014, decidiu não votar na interrupção do programa do Pentágono de dar para as forças policiais locais equipamento militar que logo viria a ser dramaticamente exposto nas ruas de Ferguson.

O apoio a continuar a militarização de polícias locais não é o único problema da CBC. A relação entre membros da Convenção e gigantes corporativas como McDonald's, Walmart e outras têm tido um efeito conservador. O envolvimento em políticas formais nos mais altos níveis requer a frequente solicitação de fundos de corporações e o preço disso é a diminuição de seus horizontes políticos.

A CBC não tem sido relevante para a vida das pessoas negras da classe trabalhadora há décadas e seu silêncio ou ineficiência com relação a Ferguson simplesmente confirma isso. Mas essa ineficiência significou que a juventude da classe trabalhadora, no cerne da rebelião, compreendeu que teriam que ficar nas ruas para manter seu movimento vivo.

Isso se tornou crítico quando, em novembro, o grande júri deu sua previsível decisão de não condenar Darren Wilson. Por todo o país, ativistas que previam esse desfecho passaram semanas preparando ações de protesto. Imediatamente em seguida da decisão, Ferguson pegou fogo. Policiais abandonaram os bairros negros e permitiram que incêndios queimassem por toda a noite. Isso se tornou uma munição para as coberturas noticiosas históricas que focavam na suposta violência dos protestos como a lente através da qual a história seria contada.

Após alguns dias, o impulso dos protestos passou a murchar sob a inevitável decepção, cansaço e desmoralização, já que o assassinato de Mike Brown tinha sido aprovado pelo Estado. Mas, então, chegou a decisão de outro grande júri de não condenar outro policial branco envolvido no assassinato de outro negro desarmado, Eric Garner.

Os protestos que se seguiram a essa decisão foram maiores e mais difundidos do que nunca. Em 13 de dezembro, mais de 100 mil pessoas tomaram as ruas de Nova York, Washington D.C. e cidades por todo o país num dia de ação para declarar que *Vidas Negras Importam*.

Vidas negras importam

O conflito político que começou em Ferguson em debates sobre o caráter das manifestações se aguçou. Isso ficou completamente demonstrado na marcha liderada pelo Reverendo Al Sharpton e a Rede de Ação Nacional em Washington D.C. em 13 de dezembro. Essa manifestação foi concebida para ser um evento altamente controlado, no qual Sharpton demonstraria sua relação com membros da família como prova de sua liderança e autoridade.

Cabe notar que a relação de Sharpton com as famílias das vítimas de assassinato policial se apoiava em dois recursos principais. Um deles era sua capacidade de dar ajuda financeira para essas famílias pagarem enterros, mensalidades de faculdades e assim por diante. Além disso, ele podia conceder acesso aos mais altos níveis do governo. Relatos mostram que Sharpton visitou a Casa Branca 61 vezes desde que Obama se tornou presidente. Mas fazer essas conexões através de Sharpton tinha um preço. Ele dava as ordens e limitava drasticamente a gama de queixas a serem apresentadas.

No discurso de Sharpton na marcha de 13 de dezembro em Washington, mais uma vez ele minimizou o fator raça, optando por afirmações universais e lacônicas como: “Não se trata de idosos contra jovens, negros contra brancos. Todas as vidas humanas são importantes.” Os organizadores negros de Ferguson que tentaram falar na marcha foram impedidos pela equipe de Sharpton. Ao explicar isso posteriormente, Sharpton disse que discursos “revolucionários” ou “provocativos” não seriam permitidos.

Num artigo autoproclamatório escrito depois da marcha, Sharpton delineou o que achava que seria um resultado exitoso do movimento:

Daqui a 10 ou 25 anos, não vai importar quem teve mais publicidade ou mais aplausos numa manifestação. Só irá importar o fato de que a polícia em todo país saberá que, se usar de força mortal, não poderá depender da amizade de promotores locais para fazê-los passar por um grande júri sem risco de uma investigação justa. A única coisa que importará será a implantação de um processo no qual são os procuradores gerais dos estados que lidam com assassinatos a bala de civis desarmados que envolvam policiais, e não promotores locais e grandes júris. Só importará a ideia de que jovens negros e negras vão poder andar pela rua ou dirigir seus carros sem temer que suas vidas sejam tiradas por aqueles que são contratados para protegê-los (Sharpton, 2014, n.p.).

O artigo demonstrava duas coisas. Uma era que chamou sua atenção o acirramento das divisões e o surgimento de novos líderes no movimento no qual ele havia sido provavelmente o líder mais bem conhecido por anos. É significativo que Sharpton tenha se sentido compelido a intervir nos atuais debates sobre a direção da luta.

Mas o conteúdo desse ensaio também revelava a estreiteza e o conservadorismo da sua visão. Ele continua a minimizar a importância da desigualdade racial como questão organizativa central do movimento e, ao invés disso, define a vitória como uma questão de duas ou três reformas, que incluem o vasto uso de câmeras corporais pela polícia e que nem sequer abordam as questões centrais no cerne da má conduta e brutalidade das instituições legais da nação: a criminalização de afro-americanos, a guerra às drogas e os efeitos em cascata do encarceramento em massa.

Mas Sharpton e os políticos para os quais trabalha não estão interessados em derrubar o sistema. Estão tentando abafar os antagonismos para que a normalidade seja retomada.

Uma declaração produzida por um grupo de organizadores de Ferguson, alguns dos quais tinham sido impedidos de falar nos protestos de 13 de dezembro em Washington, revela uma enorme diferença no escopo e objetivos da sua concepção do movimento. Eles ligam as lutas contra a violência policial a uma visão muito mais ampla de justiça social incluindo os direitos dos imigrantes e pessoas trans e apoio ao movimento dos trabalhadores com baixa remuneração. Concluindo, escrevem:

Esse é um movimento para TODAS as vidas negras – mulheres, homens, transgêneros e gays. Somos compostos tanto de jovens quanto de idosos, alinhados através das possibilidades que novas táticas e estratégias oferecem para o nosso movimento. Alguns de nós somos novos nesse trabalho, mas muitos se organizam há anos. Juntamo-nos em nome de Mike Brown, mas nossas raízes também estão nas ruas inundadas de Nova Orleans e nas ensanguentadas estações de BART de Oakland. Estamos conectados pela internet e pelas ruas. Somos descentralizados, mas coordenados. E, o mais importante: estamos organizados.

Ainda assim, possivelmente não somos negros respeitáveis. Colocamo-nos ao lado um do outro, não em frente. Não deixamos ninguém de lado para ganhar proximidade com o dito poder. Porque essa é a única forma de vencermos. Não conseguimos respirar. E não vamos parar até a liberdade⁴.

O desafio é transformar esse sentimento num movimento maior, mais amplo, vivo e que respira.

Os próximos passos

Assim como foi o movimento dos direitos civis, a instituição policial, reconhecendo a força e popularidade da luta, tentará reorientá-la numa direção mais

³ A referida declaração, datada de 15 de dezembro de 2014, pode ser acessada na íntegra na página *Ferguson Action*. Disponível em: <<http://fergusonaction.com/movement/>>. Acesso em 05 mar. 2018.

benigna. Não é todo dia que o presidente dos Estados Unidos, acompanhado de seu vice-presidente e do procurador-geral concordam em se encontrar com ativistas de base que semanas antes estavam se protegendo de ataques de gás lacrimogêneo. De acordo com participantes, Obama disse para os manifestantes que deveriam diminuir o ritmo e ser pacientes e que mudanças levam muito tempo.

A reunião em si é o inquestionável resultado da organização, do movimento e da determinação das pessoas envolvidas. Mas afirmação e simpatia não são a mesma coisa que mudanças nas políticas e não constituem reformas efetivas. Por exemplo, Obama deixou a reunião prometendo gastar 263 milhões em reformas ineficazes, mas quando o orçamento Federal de 1,1 trilhão de dólares foi aprovado no Congresso semanas depois, até as reformas ineficazes não tinham fundos.

A força de longo prazo do movimento vai depender da sua habilidade de atingir, não apenas grandes números de pessoas, mas de integrá-las ao movimento como líderes e organizadores nas suas próprias localidades. Isso inclui estudantes, trabalhadores e membros de sindicatos também.

O crescimento de um movimento estudantil negro também é um resultado possível do *Vidas Negras Importam*, mas haverá diferentes demandas e diferentes dinâmicas. Estudantes negros se mobilizaram aos milhares para protestar não apenas contra a brutalidade policial fora do campus, mas para ligar essas queixas à hostilidade que enfrentam no campus também. De fato, o slogan *Vidas Negras Importam* cria múltiplas frentes de organização contra as muitas manifestações da opressão aos negros.

Haverá polarização política no movimento conforme as forças mais conservadoras se esforçam para reduzir as demandas ao mínimo denominador comum de punir policiais individuais ou fazer mudanças processuais no cumprimento da lei. Mas a natureza da opressão negra nos Estados Unidos se presta a uma conceitualização mais ampla das tarefas do movimento. Martin Luther King Jr. notou o mesmo a respeito do movimento negro no fim dos anos 1960. À época, escreveu:

Nessas circunstâncias desafiadoras, a revolução negra é muito mais do que uma luta pelos direitos dos negros. Ela força os Estados Unidos a enfrentar todos os seus defeitos inter-relacionados: racismo, pobreza, militarismo e materialismo. Ela expõe os males que estão profundamente enraizados em toda a estrutura da nossa sociedade. Ela revela defeitos sistêmicos e não superficiais, e sugere que a reconstrução radical da própria sociedade é a verdadeira questão a ser enfrentada⁵.

⁵ O referido discurso pode ser encontrado em Lawson e Payne (1998).

O mesmo é verdadeiro hoje. É impossível separar a brutalidade da polícia e as injustiças do sistema legal da pobreza e do subemprego nas comunidades negras. É impossível imaginar conter o abuso policial sem abordar a crise do encarceramento em massa, a guerra às drogas e a pressão econômica que mantém afro-americanos vulneráveis aos caprichos da manutenção da ordem. Esses problemas vão continuar a ser exacerbados pela destruição do setor público, pela reestruturação urbana e a gentrificação e as perspectivas limitadas de emprego no mercado de trabalho privado deixa milhões de afro-americanos da classe trabalhadora em estado precário.

Neste contexto, o policiamento agressivo se tornou uma parte fundamental da manutenção das fronteiras de bairros segregados, enquanto, ao mesmo tempo, faz de presas jovens negros marginalizados economicamente que foram forçados a entrar na economia subterrânea. Alguns Democratas expressam preocupação com as práticas policiais, mas também defendem políticas de policiamento que motivaram essa crise. Além disso, com as atuais tendências de austeridade, mais desgaste dos serviços públicos e trabalhos com remuneração baixa como a primeira opção para os desempregados ou subempregados, há pouco motivo para se acreditar que os confrontos e provocações da polícia em bairros negros e pessoas de outras etnias vá acabar num futuro próximo.

A capacidade do movimento de se conectar com o trabalho organizado, onde os trabalhadores afro-americanos são sindicalizados a uma taxa até maior do que os trabalhadores brancos, será crítica nos próximos meses. O impulso de “parar tudo” e declarar “nada de normalidade” torna o movimento predisposto a debates e discussões a respeito do papel central da classe trabalhadora e do poder da greve como arma.

A consciência da relação entre a pobreza negra e o desemprego, o terror policial e o sistema de justiça criminal já existe. A solidariedade existente entre as mobilizações de trabalhadores com baixa remuneração e o *Vidas Negras Importam* ajuda a demonstrar as conexões entre a exploração econômica e a opressão racial. Pode-se imaginar a transformação dessa luta com trabalhadores participando em ações no local de trabalho para exigir um fim à violência racial contra as pessoas e as prisões.

O movimento contém as maiores esperanças para os afro-americanos e a classe trabalhadora em geral. A insurgência negra dos anos 1960 foi capaz de, não apenas transformar a vida negra nos Estados Unidos, mas também de afetar toda a política americana.

O movimento de pessoas negras desafia a desumanidade imaginada de pessoas negras, minando, deste modo, a lógica racista que sustenta o capitalismo americano. Mesmo com pesquisas mostrando que as pessoas brancas continuam

acreditando na polícia, essas ideias, como todas as ideias, são construídas e não imutáveis. O segredo para transformar ideias reacionárias é o envolvimento com a luta política que perturba a lógica dominante, a de que afro-americanos são inferiores, irresponsáveis e que merecem qualquer tratamento que lhes é dispensado pela polícia.

Nos anos 1960, milhões de jovens que começaram a década com uma ideia muito limitada do que “liberdade” significava, chegaram a tirar conclusões bastante radicais sobre a natureza do capitalismo americano. Depois de traições do Partido Democrata, o fracasso do Estado em sustentar até os direitos mais básicos para os negros do norte e os limites à legislação dos direitos civis, milhares desses ativistas se tornaram revolucionários.

Não há motivo para acreditar que o mesmo processo não está ocorrendo agora e, talvez, até mais profundamente nesse estágio inicial do desenvolvimento do movimento. Mesmo no meio do tumulto dos anos 1960 os últimos vestígios da expansão econômica do pós-guerra ainda existiam. Hoje, a geração Obama cresceu num implacável período de guerra, recessão e dívidas cumulativas.

De algumas formas, as repetidas referências ao movimento pelos direitos civis não combinam exatamente. Se muito, o movimento hoje está enfrentando muitas das mesmas questões que formaram a insurgência do Black Power no fim dos anos 1960 e início dos 1970. Confrontos com o poder do estado, segregação de facto e discriminação “cega à cor” (“colorblind discrimination”)⁶, o papel da política eleitoral e os múltiplos significados de “Black Power” (Poder Negro) são só algumas das questões que os organizadores enfrentam hoje. Essas são as questões com as quais o movimento lidará nos próximos anos, mas ele já abalou o status quo político.

Ao fim de sua vida, Martin Luther King reconheceu como o movimento negro era a engrenagem que movia toda a política nos Estados Unidos. Escreveu sobre como a recusa dos afro-americanos em aceitar a opressão podia transformar toda a nação. Suas palavras parecem se encaixar particularmente no momento em que vivemos:

Não fico triste que negros americanos estejam se rebelando. Isso não era apenas inevitável, mas, também, eminentemente desejável. Sem essa magnífica agitação entre os negros, as antigas evasões e procrastinações teriam continuado indefinidamente. Os negros fecharam a porta a um passado de passividade mortificante. Com exceção dos anos da Reconstrução, nunca tinham, na sua longa história em solo americano, lutado com tanta criatividade e coragem pela sua liberdade.

⁶ N.T.: O “colorblind discrimination” é uma ideologia racial que postula acabar com a discriminação, tratando os indivíduos da melhor maneira possível, sem considerar raça, cultura ou etnia.

Esses são os nossos brilhantes anos de emergência, apesar de serem dolorosos, não podem ser evitados (...)

Os dissensores de hoje dizem à complacente maioria que chegou o momento em que mais evasões de responsabilidade social num mundo turbulento irão trazer o desastre e a morte. Os EUA não mudaram até agora porque muitos acham que não precisa mudar. Mas essa é a ilusão dos condenados. Os Estados Unidos precisam mudar por que 23 milhões de cidadãos negros não vão mais viver passivamente num passado desgraçado. Eles deixaram vale do desespero. Eles encontraram força na luta. Acompanhados por aliados brancos, vão abalar os muros das prisões até que caiam. Os Estados Unidos precisam mudar⁷.

Referências

- ALEXANDER, Michelle. *The new Jim Crow: mass incarceration in the age of colorblindness*. New York: The News Press, 2011.
- CARSON, Clayborne *The Autobiography of Martin Luther King, Jr.* Edited by Claybone Carson. IPM and Grand Central Publishing. New York Boston. 1976
- LAWSON, Steven F.; PAYNE, Charles. *Debating the Civil Rights Movement*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 1998.
- MCCARTHY, Justin. As a Major U.S. Problem, Race Relations Sharply Rises. *Gallup*, Social & Policy Issues, 19 dez. 2014. Disponível em: <<https://news.gallup.com/poll/180257/major-problem-race-relations-sharply-rises.aspx>>. Acesso em 03 mar. 2018.
- SHARPTON, Rev. Al. It's Been a Long Time Coming, But Permanent Change Is Within Our Grasp. *Huffpost*, 15 dez. 2014. Disponível em: <https://www.huffpost.com/entry/its-been-a-long-time-comi_b_6328806>. Acesso em 03 mar. 2018.
- STREET, Paul. And Then Came Sharpton: Helping Keep Blacks in Their Place. *The Greanville Post*, 18 set. 2014. Disponível em: <<https://www.greanvillepost.com/2014/09/18/and-then-came-sharpton-helping-keep-blacks-in-their-place/>>. Acesso em 03 mar. 2018.
- TAYLOR, Keeanga-Yamahtta. The terrorists in blue. *SocialistWorker.org*, 30 jul. 2012. Disponível em: <<https://socialistworker.org/2012/07/30/terrorists-in-blue>>. Acesso em 03 mar. 2018.

⁷ Discurso proferido em 1968 por Martin Luther King Jr. e ficou conhecido como “um testamento de esperança” (Carson, 1976).